

A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DA PROSTITUTA NOS ROMANCES *TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA* E *TIETA DO AGRESTE*, DE JORGE AMADO¹

doi.org/ 10.15452/SR.2024.25.0020

ORCID: 0000-0001-5948-8053

Daniela Zelková

Universidade Palacky em Olomouc
República Tcheca
zelkda00@upol.cz

doi.org/ 10.15452/SR.2024.25.0020

ORCID: 0000-0002-3530-8473

Zuzana Burianová

Universidade Palacky em Olomouc
República Tcheca
zuzana.burianova@upol.cz

Resumo. O objetivo do artigo é analisar o retrato das protagonistas-prostitutas nos romances *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e *Tieta do Agreste* (1977), do escritor baiano Jorge Amado. Nas narrativas destacam-se dois traços importantes, característicos para a segunda fase da criação amadiana: a presença de uma personagem feminina forte no papel de protagonista, e a capacidade da personagem de intermediar o cotidiano e os problemas das camadas marginalizadas no Brasil. Inicialmente, analisa-se como a prostituição é apresentada nas vidas das protagonistas, tentando responder à questão se este ofício serve apenas como meio de subsistência ou se envolve outras dimensões. A seguir, aborda-se o tema da emancipação feminina, desejada e conquistada por ambas as protagonistas. A prostituição, enquanto meio de alcançar a independência, possibilita a fuga dos esquemas sociais patriarcais e permite às personagens decidirem sobre o seu próprio destino. O seu impacto positivo manifesta-se na evolução das características-chave das personagens, como é o empreendedorismo, a resiliência, a combatividade e a liderança. Por outro lado,

1 O artigo foi criado no âmbito do apoio do Ministério da Educação da República Tcheca à Universidade Palacky em Olomouc (IGA_FF_2024_011).

destaca-se o fato de as narrativas advertirem para a persistência dos preconceitos relacionados com a profissão da prostituta e para as condições de vida desfavoráveis desse grupo social, marcadas pela violência e exploração.

Palavras-chave: literatura brasileira, romance, prostituição, Jorge Amado

Abstract. The image of prostitute characters in Jorge Amado's novels *Tereza Batista cansada de guerra* and *Tieta do Agreste*. The article aims to analyze the portrayal of the prostitute protagonists in the novels *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) and *Tieta do Agreste* (1977) by the Bahian writer Jorge Amado. Two important features can be observed in the narratives, characteristic of the second phase of Amado's work: the presence of a strong female figure as the protagonist and the character's ability to mediate the everyday lives and challenges of marginalized social classes in Brazil. The article first examines how prostitution is represented in the lives of the protagonists, seeking to determine whether it functions solely as a means of subsistence or whether it carries other meanings. It then explores the theme of female emancipation, which is pursued and achieved by both protagonists. Prostitution, as a path to independence, allows them to break free from patriarchal social structures and to take control of their own destinies. This positive impact is reflected in the development of the protagonists' key characteristics, such as entrepreneurship, resilience, combativeness, and leadership. At the same time, attention is drawn to the persistence of prejudice associated with this profession and to the adverse living conditions of this social group, marked by violence and exploitation.

Keywords: Brazilian literature, novel, prostitution, Jorge Amado

1. Introdução

Jorge Amado foi uma das vozes mais proeminentes e influentes da literatura brasileira. Como um dos representantes da Geração de 30, que se preocupava com o contexto sociopolítico do Nordeste brasileiro e tinha por objetivo valorizar a cultura dessa região, ele ofereceu uma visão rica e multifacetada da Bahia e do seu povo. A sua obra é atravessada por um profundo humanismo e uma sensibilidade social, por meio dos quais conseguiu, de forma simultaneamente cativante e crítica, captar as diversidades e desigualdades da sociedade brasileira da sua época.

Como escritor, ele também alcançou uma grande repercussão no estrangeiro, o que se deve não apenas à vastidão e atratividade da sua produção literária, traduzida para quase cinquenta línguas, mas também à sua orientação política comunista, que marcou uma etapa significativa da sua vida e despertou interesse pela sua obra em países de orientação socialista. Nas palavras de Luciana Stegagno-Picchio, Jorge Amado “soube tornar a sua Bahia natal lugar mítico para os sonhos dos leitores de cinco continentes” (2004, p. 534).

2. As personagens amadianas

Na produção literária do autor, costumam distinguir-se duas fases, diferenciadas sobretudo por uma mudança na temática e na perspectiva narrativa. Como marco divisório entre as obras da primeira fase, caracterizadas por uma acentuada denúncia sociopolítica, e as da segunda, marcadas por um descritivismo pitoresco, é considerado o romance *Gabriela, cravo e canela* (1956). A partir dessa obra, cuja protagonista “ajuda a fundar uma nova dinastia feminina” (Machado, 2014, p. 89), o universo romanesco amadiano começa a ser dominado por mulheres fortes e carismáticas.

Desde o início da sua carreira literária, o autor, segundo a observação de Ana Maria Machado, constrói personagens que “se comportam igualzinho a nossa gente comum, como ninguém ainda tinha falado e se comportado em nossos romances” (2014, p. 49). Contudo, entre as personagens das duas fases notam-se diferenças. Originalmente, Amado buscava reforçar o sentido da luta social por meio de protagonistas que encarnavam os ideais do realismo socialista. Posteriormente, porém, passa a humanizar cada vez mais as suas personagens que assim, desprovidas da exemplaridade ideológica, ganham maior autenticidade e liberdade. Esse traço, conforme destaca Machado, faz com que as personagens deixem de cumprir um determinado papel social e comecem a agir natural e instintivamente, movidas pelo desejo de serem felizes: “dessa forma, seu comportamento constrói uma vida mais desprendida, limitada apenas pelos laços afetivos que se tecem entre amigos e pela preocupação em não causar mal desnecessário aos outros” (2014, p. 74).

Simultaneamente, o escritor aprofundava o seu interesse em retratar pessoas que viviam à margem da sociedade. Ao representar os menos favorecidos, ele captava, por um lado, uma parte da essência do seu país e, por outro, encontrava espaço para a denúncia social. O próprio autor falou sobre essa mudança, no que diz respeito à escolha das personagens, em uma entrevista concedida a Álvaro Cardoso Gomes:

Antes, eu buscava o herói, o líder, o dirigente político. Cada vez eu acredito menos nessa gente, cada vez eu estou mais perto do povo, do povo mais pobre, do povo miserável, explorado e oprimido. Cada vez, eu procuro mais o anti-herói... os vagabundos, as prostitutas, os bêbados. Eu sou, no fundo e sobretudo, um romancista de vagabundos e putas... e trabalhadores. (Amado, apud Gomes, 1981, p. 29)

Esse novo leque de personagens enriquece o universo temático dos seus livros que, além de multiplicarem os caminhos possíveis no enredo, oferecem momentos surpreendentes e suprimem a “previsibilidade de situações melodramáticas” que, segundo Machado, eram comuns nas narrativas do período anterior (2014, p. 49).

O antropólogo Roberto DaMatta, no seu estudo *Do país do carnaval à carnavalização: o escritor e seus dois brasis* (1997), também destaca a maior originalidade da obra de Amado na sua segunda fase, que denomina de “a fase carnalizadora” (p. 127). DaMatta explica como a ambiguidade, uma característica do carnaval, influi positivamente nas personagens do autor. Em vez de serem limitadas por um só caminho, como os heróis da primeira fase, manifesta-se nelas uma síntese de dois elementos opostos: um próprio do Brasil concebido “como Estado-nacional”, e outro do Brasil visto “como sociedade” (p. 134). Consequentemente, elas podem transitar entre diferentes modos de viver, representando um elo entre duas realidades com valores sociais distintos. DaMatta associa a evolução das personagens, na segunda fase, às mudanças na própria trajetória do autor:

Tal como ocorreu com o seu autor, numa primeira vida eles são prisioneiros de uma rigidez ideológica que os leva a uma visão estreita da sociedade e posteriormente, quando rompem com esses grilhões, a uma dolorosa morte social. Em seguida, ressuscitados e donos de uma segunda existência, eles reinventam suas vidas aceitando os valores e costumes mais profundos de sua sociedade. (DaMatta, 1997, pp. 132-133)

Embora o autor negasse uma ligação direta da sua vida com a sua obra, não considerando a dimensão autobiográfica como um traço fundamental das suas narrativas, admitia que só podia escrever sobre aquilo que tinha experimentado, pois ouvir, ler ou estudar não lhe davam uma base suficiente para a escrita (Amado, apud Uribe, 1987). Desse modo, ele via a sua opção por retratar figuras marginalizadas como uma escolha lógica, resultante dos lugares da região da Bahia que conhecia e onde tinha vivido:

Na Bahia só agora começa a surgir um proletariado, com o pólo petroquímico e a industrialização. Daqui a dez anos, nós teremos uma classe operária. Hoje, aqui, temos trabalhadores... e prostitutas e vagabundos, meus personagens. (Amado, apud Gomes, 1981, p. 29)

Jorge Amado tinha contato com as pessoas que inspirariam as suas futuras personagens bem cedo, desde a infância. Luciana Ribeiro Rodrigues afirma que o primeiro encontro do escritor com o mundo da prostituição ocorreu aos seus seis anos de idade, quando ele entrou em um prostíbulo com os trabalhadores de uma fazenda de cacau e ficou fascinado (2011, p. 25). Durante os estudos no ginásio Ipiranga, ele visitava mulheres-damas e “foi, por algum tempo, amigado com uma prostituta chamada Benedita” (Rodrigues, 2011, p. 25).

O seu trabalho de jornalista servia como uma espécie de pesquisa para a sua futura carreira de escritor. Ele começou a trabalhar no *Diário da Bahia* como repórter policial e depois continuou em *O Imparcial*. “Nessa época, participava intensamente da vida popular e da boemia de Salvador, frequentava ‘casas de raparigas’, botecos, feiras e costumava sair com os pescadores em seus saveiros” (Goldstein, 2008, p. 80).

As personagens de prostitutas são bastante frequentes nas obras do autor. Gustavo do Rego Barros Brívio, com base no dicionário *Criaturas de Jorge Amado* (1985), de Paulo Tavares, chegou à conclusão de que, do total de 888 figuras femininas presentes na obra do autor, “20,7% participam, de alguma forma, do universo sócio-ficcional da prostituição” (2010, p. 109). Ao detalhar essa porcentagem, Brívio afirma que as prostitutas formam 13,6%, as cafetinas 5,9%, e o resto, 1,2%, é representado por dançarinas ou cantoras de cabaré (p. 109). No que se refere aos dois romances analisados neste artigo, observamos que uma personagem feminina pode pertencer a mais de um desses grupos. Tereza Batista, além de prostituta, exerce também o trabalho de dançarina, inclusive o prefere. Tieta, que no período retratado pelo romance atua como cafetina, começou por se sustentar como prostituta.

3. A prostituição em Tieta e Tereza

Nos romances *Tereza Batista cansada de guerra* e *Tieta do Agreste*, o autor, por meio de protagonistas-prostitutas, aborda um leque de temas, entre os quais o principal é a emancipação feminina. Esboçemos, primeiramente, a trajetória de cada uma das protagonistas, para observarmos como chegaram ao ofício em questão e, em seguida, de que maneira a prática da prostituição é por elas concebida.

Tieta perde a proteção da família aos dezoito anos. Após envolver-se sexualmente com vários homens, criando uma fama escandalosa para uma moça de “boa família”, ela é expulsa da sua cidade natal, Santana do Agreste, pelo pai. A partir desse momento, ela procura sobreviver prostituindo-se, percorrendo a Bahia, o Rio de Janeiro e São Paulo. Posteriormente, graças a um comendador paulista que é um dos seus clientes, consegue ascender profissionalmente, tornando-se cafetina em um prostíbulo de luxo e ajudando mulheres com trajetórias semelhantes ao dela. Quando Tieta visita, depois de mais de duas décadas, a sua cidade natal, esforça-se por esconder o seu passado de prostituta, conseguindo inicialmente ser aceita pelo povo local – até o momento em que a sua verdadeira profissão é descoberta e ela é novamente expulsa da cidade.

Uma das características mais marcantes de Tieta é a sua liberdade corporal, que se manifesta desde cedo. Começou pelo seu fascínio ao observar os instintos básicos das cabras que pastoreava nas dunas e, logo depois, manifestou-se em várias aventuras sexuais, uma das quais lhe custou o lugar na cidade natal. Ela é descrita como uma menina atrevida, que não hesita em saltar da “janela noturna para encontrar-se com homens, [...] audaciosa, desleixada dos preceitos de Deus, igreja só para namorar” (Amado, 2001, p. 25). O apetite sexual é um dos traços dominantes de Tieta, e ela não o pretende reprimir. Assim, os acontecimentos decorrentes da sua sexualidade exuberante têm consequências decisivas na sua trajetória. No caso dessa personagem, a prostituição não é concebida como uma opção

traumatizante de uma mulher que, em determinado momento, não encontrava outra saída de uma situação difícil, mas antes como um espaço em que a sua natureza não precisava ser reprimida e podia desenvolver-se livremente.

Contudo, mesmo que a liberação sexual feminina seja apresentada no romance como um aspecto positivo, a prostituição, enquanto meio de sobrevivência, não é idealizada. Em algumas lembranças, Tieta revive momentos desagradáveis, não se abstendo de criticar esse ofício:

fiz a vida no interior, vida de rapariga, em Jequié, em Milagres, em Feira, por aí afora. Eu te digo que escola de verdade é casa de mulher à-toa no sertão. Aí, sim, se aprende o ofício. Quebrei a cabeça nesse mundéu até que me toquei pro Sul, cansada de sofrer. (Amado, 2001, p. 107)

A protagonista do segundo romance analisado, Tereza Batista, órfã desde criança, passou na juventude por muitos infortúnios. Menina que, no início do romance, é descrita como “risonha e brincalhona, muito dada e festiva, amiga de todo mundo, doce menina” (Amado, 2015, p. 139), perdeu cedo a inocência ao enfrentar a dura realidade, sofrendo exploração, violência, estupro, aborto e prisão. Após a morte de um rico advogado, que foi a primeira pessoa que a tratou com dignidade e com quem viveu um breve período de paz, ela de novo acabou desamparada. Sem família, sem amigos e sem outra alternativa, passou a sustentar-se como prostituta.

Nessa profissão, Tereza começa a atuar como mobilizadora da comunidade de prostitutas. Primeiro, na cidade de Buquim, ela cria com as suas companheiras uma equipe de vacinação, e juntas combatem a epidemia de varíola, arriscando as próprias vidas e salvando boa parte da população. O segundo momento ocorre em Salvador, onde Tereza lidera uma greve de prostitutas, após o governo decidir remover os prostíbulos do centro da cidade. Apesar da violência da polícia, as profissionais do sexo unidas conseguem defender o lugar da sua atividade.

Como indivíduo isolado, Tereza levava uma luta solitária, sempre caindo em um novo infortúnio; porém, ao tornar-se prostituta, ela alcança mudanças significativas. Com o seu caráter combativo e talento natural para a liderança, consegue unir e mobilizar pessoas. Ao fazer parte de uma comunidade, neste caso de prostitutas, é capaz de promover transformações. Por um lado, a sua atividade lembra aos outros que este segmento também faz parte da sociedade brasileira. Por outro, adverte para a necessidade de combater os preconceitos contra as prostitutas, enraizados profundamente na sociedade, como fica evidente no trecho seguinte:

Nenhuma delas morreu, ficaram todas para contar a história mas tiveram de ir-se de Buquim ganhar a vida noutras zonas pois ali se terminara a freguesia, não havendo clientela para quem continha dentro de si tanta bexiga. Tornaram-se imundas além de prosseguirem putas. Andam por aí, no mundo. (Amado, 2015, p. 268)

Podemos observar que, nos casos de Tieta e Tereza, mais do que uma escolha voluntária, a prostituição se demonstra como o único caminho possível para sobreviver, sem

o apoio da família e sem outras alternativas de sustento. Ainda assim, a prostituição não é representada como uma tragédia pessoal, embora seja julgada como incorreta e imoral sob a ótica tradicional e conservadora. Ambas as protagonistas, por meio dessa profissão, conseguem encontrar o seu próprio caminho na vida e desenvolver plenamente as suas capacidades pessoais.

4. A emancipação feminina

Jorge Amado colocou, em muitas das suas obras, figuras femininas na posição de protagonistas, fazendo toda a trama girar em torno do universo feminino. Assim deixou o “sexo desfavorecido” expressar-se por si próprio, chamando atenção para uma série de problemas que as mulheres brasileiras enfrentavam diariamente na época:

Antes que o feminismo na década de 1960 desse voz e visibilidade às mulheres na vida social, política e cultural do Brasil, a ficção de Jorge Amado já apresentava personagens femininas que transgrediam e superavam códigos injustos. Trata-se da passagem da mulher de objeto manipulado pelo homem a sujeito de seu próprio destino – amoroso ou profissional. (Belline, 2008, p. 27)

Segundo Brívio, o escritor baiano difundia, nas suas obras, representações patriarcais de personagens femininas, já que as representava basicamente na dicotomia entre mulheres “do lar” e “prostitutas” (2010, p. 9). Na nossa perspectiva, porém, as protagonistas dos dois romances em questão, apesar de prostitutas, encarnam uma luta pela emancipação da mulher, aprisionada nas normas da sociedade patriarcal e conservadora. Vejamos as trajetórias de cada uma delas, rumo a uma posição de maior independência e dignidade dentro do contexto em que estão inseridas.

No caso de Tieta, o primeiro passo para a libertação foi relacionar-se sexualmente com os homens que ela escolheu, sem a necessidade do casamento. Com essa atitude, fruto da sua própria vontade, ela desafiou tanto os princípios da religião católica quanto os do sistema patriarcal, ignorando a opinião da figura hierarquicamente mais importante, o pai. Expulsa de casa, sustentou-se sozinha deixando para trás a obrigação de preservar a castidade, esperada de uma “filha de boa família”. O seguinte passo emancipador de Tieta foi ganhar a independência econômica, primeiro prostituindo-se e, posteriormente, tornando-se proprietária de um bordel de luxo em São Paulo. Nesse espaço, ela empregava mulheres sem outra alternativa de vida, garantindo-lhes melhores condições de trabalho do que aquelas que ela própria tinha tido.

No seu caminho para a independência, antes de se tornar empregadora, Tieta enfrentou várias dificuldades: “Andara longo caminho, pisara pedras e cardos, rompera os pés e o coração, antes de começar a subir, a ganhar” (Amado, 2001, p. 109). No Sul do país ela melhorou as suas condições de vida como prostituta; nas cidades grandes, a prostituição era melhor organizada, porém também era marcada pela forte exploração de prostitutas por parte de cafetões. Margareth Rago, no seu estudo sobre a prostituição em São Paulo entre 1890 e 1930, afirma que sobretudo as prostitutas europeias eram tratadas como “uma força

de trabalho que deve produzir lucro ao proprietário” (1990, p. 423). Entre cafetões e prostitutas era comum uma relação de amantes, em que a mulher “constituía e sustentava a imagem do parceiro como figura necessária, protetora e exploradora ao mesmo tempo” (Rago, 1990, p. 431), e em que não era rara a violência exercida pelo cafetão contra a parceira/empregada. Também Tieta, ainda pouco experiente, passou por tal experiência:

Quando elas estavam presas sem remédio à melosa lábia e à inegável competência nos embates de alcova, então Jarbas decretava a lei, ditava os itens do regulamento das finanças do casal: para ele, no mínimo, setenta por cento da receita diária, daí para cima. Cafifa de tal *status* implica em despesas. Empenho no trabalho, nada de vagabundagem, cadela. (Amado, 2001, p. 130)

Obviamente, o objetivo de Jorge Amado, no romance, não era tratar detalhadamente das condições de vida das prostitutas na época. Porém, mediante a descrição da trajetória da protagonista, ele aponta para a situação precária desse setor da população. Como observa Brívio, nas personagens amadianas “a prostituição feminina encontra-se estreitamente vinculada a uma condição social marcada por dificuldades econômicas” (2010, p. 151).

O maior obstáculo, com o qual Tieta se depara na construção da sua vida, é o conservadorismo das pessoas, representado sobretudo pela mentalidade da população da sua cidade natal, situada no interior nordestino. O ambiente, marcado pelo catolicismo, pelo patriarcado e pela hipocrisia, não é capaz de assimilar a natureza e o ofício de Tieta: ela só é aceita se finge ser alguém que não é. Toda a generosidade, o apoio financeiro e a ajuda que ela oferecia ao Agreste são esquecidos por ela não corresponder ao ideal de mulher aprovado pela população local. A condenação definitiva de Tieta pelo Agreste é simbolicamente executada pela sua irmã Perpétua. Representando o oposto de Tieta, a sua irmã, moldada pelo ambiente provinciano, não consegue ver além da ordem moral antiquada, e expulsa Tieta pela segunda vez da cidade: “Pelas frestas das janelas, na Praça, há quem observe as duas mulheres, vindas do ancoradouro. [...] Mas, na casa de Perpétua, portas e janelas estão trancadas. No passeio, atiradas, as malas, bolsas e sacolas de Tieta e Leonora” (Amado, 2001, p. 568).

Segundo Gláucia da Silva Cosme, “Tieta se mantém na linha de tensão entre a mulher reprimida e a mulher que busca liberdade” (2013, p. 102). No ambiente retrógrado da sua cidade natal, a protagonista, na sua busca por legitimidade, não consegue vencer os obstáculos, não apenas por sua liberdade sexual, mas também por adotar “atitudes ditadas socialmente como masculinas, tais como ter opiniões, expressá-las, agir e decidir” (Cosme, 2009, p. 102).

Santana do Agreste estava aberta para receber a modernidade em forma de progresso material, mas se mostrou intransigente em relação à mudança da mentalidade preconceituosa dos seus habitantes, presos aos princípios morais tradicionais, mesmo que mantidos apenas na aparência. Como observa Ana Helena Cizotto Belline, esta “oposição entre aparência e realidade, em que as coisas não são o que aparentam ser”, é um motivo recorrente nas narrativas do autor. Neste romance, ele retrata o prostíbulo, considerado um lugar decadente, como um espaço mais honesto do que a pequena vila que, hipocritamente, defende a moral e os bons costumes (2008, p. 35).

Passando para a trajetória de Tereza Batista, podemos observar que a sua busca por independência foi ainda mais árdua. Se Tieta “pisara pedras e cardos” (Amado, 2001, p. 109), antes de subir na vida, Tereza iniciou o seu percurso com a experiência de “o cheiro de carne queimada, o chiado da pele, os uivos e o silêncio da morte” (Amado, 2015, p. 144). Enquanto a opressão de Tieta se mantém ao nível psicológico, em forma da rejeição comunitária, a subjugação de Tereza é física, marcada por violência e abuso, praticados por figuras masculinas. Como observa Brívio, na obra de Jorge Amado, “as representações sobre o ‘mundo da prostituição’ se apresentam vinculadas, estreitamente, à violência sexual contra a mulher” (2010, p. 179). No entanto, Tereza está exposta a esse tipo de violência muito antes de entrar em contato com a prostituição. Vendida pela sua tia, aos doze anos, a um fazendeiro, que a trata como escrava e a explora sexualmente e como força de trabalho, é-lhe negado qualquer direito de decidir sobre o próprio destino.

Nesta obra, o autor chama atenção para o problema da violência física e psicológica contra menores, sujeitos ao abuso sexual e ao trabalho infantil. Conforme Ediliane Lopes Leite de Figueiredo, que oferece uma análise jusliterária do romance, “a personagem amadiana é símbolo de uma problemática social – a venda de meninas para a satisfação sexual dos poderosos e a mão de obra grátis como solução imediata para a miséria de suas famílias” (2020, p. 798). No contexto do Nordeste brasileiro, retratado na narrativa, Figueiredo relaciona a persistência dessa prática brutal, que violava as leis vigentes,² ao fenômeno do coronelismo, definido como “mais uma instituição masculina que subverte o próprio direito e deixa explícito que a divisão de classes se sobrepõe a qualquer norma” (2020, p. 799).

Após várias peripécias, Tereza encontra um breve período de paz com o coronel-advogado Emiliano Guedes, tornando-se a sua amante. Embora ele a trate com gentileza, a deixe morar em sua casa e lhe proporcione educação e conforto, também ele limita a sua liberdade corporal. Quando ela fica grávida, o coronel, em um gesto egoísta, se recusa a aceitar a criança: “Filhos na rua, não, é assim que eu penso. Eu quero minha Tereza para meu descanso, para me fazer a vida alegre nos poucos dias de que disponho para mim, não para ter filhos e amolações” (Amado, 2015, p. 320). Tereza sabe que, apesar de muito afeto e amor, a relação entre eles é de novo baseada na dependência: “Quando o doutor resolver variar, cansado dos braços de Tereza, a ela só restará a pensão de Gabi, a porta aberta do puteiro, o filho a se criar na zona, a crescer no abandono e na necessidade” (Amado, 2015, p. 322). Por não querer trazer ao mundo uma criança condenada a sofrer como ela, Teresa concorda com o aborto.

Após essa experiência, Tereza decide não ser amásia de ninguém. Prefere a prostituição, ou seja, um tipo de sustento que não envolve sentimentos e, assim, não cria outros laços senão os financeiros: “Exercer ofício de mulher-dama é uma coisa: não impõe obrigação, não implica intimidade, não deixa marca” (Amado, 2015, p. 241). Por menos ideal que seja para uma mulher a necessidade de se prostituir, para Tereza essa é uma decisão importante, porque foi tomada por ela própria, comprovando que se tornou uma mulher adulta e independente.

2 Desde 1927, vigorava no Brasil o Código de Menores, que proibia a prostituição de adolescentes com menos de 18 anos.

Por esse motivo Tereza também não foge, como faz o seu companheiro médico, durante o surto da bexiga negra. Primeiro, porque a relação deles é superficial e não se baseia em sentimentos, segundo, porque ela rejeita depender das decisões de mais um homem. Ela permanece na cidade e ajuda a população local. O instinto de autopreservação parece ter suprimido as suas emoções e, pela sua beleza e resiliência quase animalesca, Tereza transforma-se em um mito na região. Ainda assim, é novamente marginalizada pelos outros, que não conseguem reconhecer a sua coragem e o sacrifício durante a epidemia, passando a atribuir-lhe um comportamento incivilizado: “não é mulher, é bicho do mato, animal sem sentimentos, incapaz de refletir, de entender, de apreciar o bom da vida” (Amado, 2015, p. 260). Tal como Tieta, também Tereza se torna vítima da hipocrisia religiosa, apesar dos atos de caridade que praticava:

Do átrio da igreja as beatas viram Tereza Batista andando para estação, sozinha. Uma delas disse – e todas concordaram.

– Vaso ruim não quebra mesmo. Morreu tanta gente direita e nessa vagabunda que até no lazareto se meteu de intrometida, nada lhe pegou; bem podia a bexiga ter ao menos lhe comido a cara. (Amado, 2015, p. 271)

Teresa, que ainda lidera uma greve de prostitutas na cidade de Salvador, sendo novamente presa e espancada, encontra, ao final do romance, amor e paz. Nessa heroína, cuja vida “é uma história de cordel”, como consta na epígrafe, Jorge Amado encarnou todo o povo brasileiro humilde e oprimido. Em vez de escolher uma figura masculina, tanto para expor as mazelas da sua gente, quanto para demonstrar a sua resiliência e capacidade de revolta, ele optou, mais uma vez, por uma mulher da camada social mais baixa – uma prostituta:

Com quem se parece Tereza Batista, tão castigada pela vida, tão cansada de apanhar e de sofrer e, ainda assim, de pé, [...] lhe digo, meu senhor, que Tereza Batista se parece com o povo e com mais ninguém. Com o povo brasileiro, tão sofrido, nunca derrotado. Quando o pensam morto, ele se levanta do caixão. (Amado, 2015, p. 498)

5. Considerações finais

Tieta e Tereza são duas personagens que fazem parte da criação literária de Jorge Amado, na qual o protagonismo foi atribuído a figuras femininas fortes e marcantes. O ofício da prostituição, que elas exerceram em alguma fase das suas vidas, desempenha um papel importante nas suas trajetórias, contribuindo, apesar das dificuldades que traz, para o crescimento pessoal delas.

Em Tieta, a prostituição oferece um espaço para a expressão da sua liberdade corporal, reprimida pelo contexto conservador de onde ela provém. Ajuda-a a combater o sistema patriarcal e, ao mesmo tempo, possibilita-lhe ascender profissionalmente, em um ambiente mais aberto ao progresso do que o seu lugar de origem. Tieta não consegue, no final, vencer os preconceitos que a obrigam a ocultar a sua verdadeira identidade e que culminam na sua nova expulsão da cidade natal. Contudo, no mundo da prostituição ela consegue construir uma vida independente, mais autêntica e em consonância com a sua natureza.

No caso de Teresa Batista, a prostituição é também apresentada como um dos poucos meios de sobrevivência, que se oferecem para uma mulher abandonada à própria sorte. Sem o apoio de uma família digna ou de um parceiro, a protagonista, antes de se tornar prostituta, passou por muitos sofrimentos, decorrentes da negligência, da exploração e do abuso infantil. No entanto, a ocupação da prostituta contribuiu positivamente para o amadurecimento da sua personalidade. Além da resistência, combatividade e solidariedade, Tereza desenvolve um talento para a liderança, demonstrando-se capaz de mobilizar outras prostitutas e lutar pelos seus direitos.

Nos dois romances analisados, Jorge Amado retrata a prostituição como um meio de sobrevivência, decorrente dos problemas sociais vividos pelas camadas mais baixas da população. Além de dar visibilidade a esse grupo social e às dificuldades que ele enfrenta, o autor chama atenção para a permanência dos preconceitos em relação a prostituição na sociedade, denunciando a sua marginalização. Simultaneamente, através das trajetórias das duas protagonistas, que encontram nessa profissão uma forma de garantir o próprio sustento, sem depender de uma figura masculina, ele aborda o tema da emancipação feminina em um mundo dominado por homens e por valores patriarcais.

Bibliografia

- ✧ Amado, J. (2001). *Tieta do Agreste*. Record.
- ✧ Amado, J. (2015). *Tereza Batista cansada de guerra*. Publicações Dom Quixote.
- ✧ Belline, A. H. C. (2008). Representações do feminino. In N. S. Goldstein (Ed.), *A literatura de Jorge Amado: caderno de leituras* (pp. 26-39). Companhia das Letras.
- ✧ Brívio, G. do R. B. (2010). *Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6279>
- ✧ Cosme, G. da S. (2013). *O feminino em Tieta e Macabéa* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pelotas]. <https://repositorio.ufpel.edu.br/handle/123456789/2178?locale-attribute=es>
- ✧ DaMatta, R. (1997). Do país do carnaval à carnavalização: o escritor e seus dois brasis. In *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (pp. 120-135). Instituto Moreira Salles.
- ✧ Figueiredo, E. L. L. de (2020). Tereza Batista, de Jorge Amado: uma análise jusliterária do abandono jurídico-estatal das meninas-mulheres desvalidas e marginalizadas no Nordeste brasileiro. In F. R. Guimarães (Ed.), *E-book IV CONIDIH/ 2ª Edição 2019* (pp. 791-806). Realize Editora. <https://editora-realize.com.br/artigo/visualizar/65113>
- ✧ Goldstein, N. S. (Ed.). (2008). *A literatura de Jorge Amado: caderno de leituras*. Companhia das Letras.
- ✧ Gomes, Á. C. (Ed.). (1981). *Literatura comentada: Jorge Amado*. Abril Educação.
- ✧ Machado, A. M. (2014). *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje*. Companhia das Letras.
- ✧ Rago, L. M. (1990). *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/50386>
- ✧ Rodrigues, L. R. (2011). *Mídia e literatura: Jorge Amado, o poeta das putas e vagabundos* [Monografia, Universidade de Brasília].

- » Stegagno-Picchio, L. (2004). *História da literatura brasileira* (2ª ed.). Lacerda Editores.
- » Tavares, P. (1985). *Criaturas de Jorge Amado*. Record.
- » Uribe, G. G. (1987). *Jorge Amado: Latinoamérica no existe*. El Ala de Arriba. <https://elaladearriba.wordpress.com/periodismo/cultural/jorge-amado-latinoamerica-no-existe/>

Daniela Zelková

Katedra romanistiky
Filozofická fakulta
Univerzita Palackého v Olomouci
Křížkovského 512/10
771 80 OLOMOUC
República Tcheca

Zuzana Burianová

Katedra romanistiky
Filozofická fakulta
Univerzita Palackého v Olomouci
Křížkovského 512/10
771 80 OLOMOUC
República Tcheca